

O DESIGN GRÁFICO DE LIVROS DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA NO CATÁLOGO DE EDITORAS PAULISTAS

Tamires Mazzo Cid (IC) e Zuleica Schincariol (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

Esta pesquisa visa compreender a importância do design gráfico editorial de literatura juvenil, refletindo sobre projetos de livros de literatura juvenil brasileira. Procura entender as relações entre os critérios de segmentação do público leitor e características do design do livro juvenil brasileiro presentes nas editoras da cidade de São Paulo. Considera o design como importante componente na disseminação do hábito de ler. Para isso foi necessário o levantamento e revisão bibliográfica sobre o tema, além de pesquisa de campo, constituída por entrevistas com editores, especialistas do campo da literatura e designers ou editores de arte das respectivas editoras paulistas. Posteriormente foram feitas visitas em livrarias e bibliotecas e análises de livros juvenis brasileiros. Os resultados revelaram que o livro de literatura juvenil brasileira carece de atenção quanto à qualidade do projeto gráfico editorial, apresentando majoritariamente orientação difusa entre o livro didático e o livro de literatura adulta convencional, e na maioria das vezes com ausência de articulações com a narrativa textual. O design gráfico editorial em conjunto a literatura juvenil brasileira pode ser um grande formador de leitores fluentes, portanto com esta pesquisa espera-se contribuir com reflexões que ampliem e aprofundem a experiência de leitura do público juvenil, no cenário brasileiro.

Palavras chaves: design editorial, livro juvenil, literatura

ABSTRACT

This research seeks to understand the importance of editorial graphic design for youth literature, reflecting on projects of brazilian this genre literature books. Seeks to understand the relationship between the reading public segmentation criterion with brazilian teen book design features present in publishing houses in the city of São Paulo. Considers design like an important component in disseminating the habit of reading, for this was necessary the survey and literature review on the subject was needed, as well as field research, consisting of interviews with editors, field of literature experts and designers or art editors of their publishers house São Paulo. Later visits were made in bookstores and libraries and analysis of brazilian youth books. The results revealed that the book of brazilian youth literature lacks attention on the quality of editorial graphic design, mainly presenting diffuse orientation between the textbook and the conventional adult literature book, and most of the time with

links with the textual narrative. The editorial graphic design and the Brazilian youth literature can together be a great trainer fluent readers, so this research is expected to contribute with reflections that expand and deepen the reading experience of the young audience in the brazilian scenario.

Keywords: publication design, youth book, literature

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa estuda a qualidade do design gráfico dos livros de literatura juvenil brasileira presentes no catálogo de editoras da cidade de São Paulo, buscando compreender os critérios que regem as mudanças de linguagem gráfica dos livros destinados às diferentes faixas etárias. Para esta pesquisa, foi adotada a subdivisão que atribui a leitores fluentes e críticos a categoria juvenil, sem deixar de discutir a pertinência de critérios classificatórios, o que é questão abordada em pesquisas da área, como aponta Necyk, apoiada em estudos de Azevedo:

Ricardo Azevedo considera reducionista a tendência de indicar leituras por faixas etárias; a seu ver, o grau de maturidade de um menino que trabalha desde cedo pode ser bem diferente daquele de outro, da mesma idade, que nunca trabalhou. Em outras palavras, o grau de maturidade para a leitura é relativo: depende das condições e experiências de vida, bem como do tipo de informações a que as crianças estão expostas. É sempre muito difícil ser categórico na questão da indicação de faixas etárias, pois o ser humano não é totalmente previsível. Ainda assim, os livros infantis são pensados, planejados e produzidos de acordo com a previsão de habilidades adquiridas pelo leitor destinatário, conforme a sua idade. A indicação da faixa etária é eventualmente associada à série escolar, o que, por sua vez, corresponde a uma associação com o grau de alfabetização, o conhecimento de uma série de outras informações, e as habilidades de leitura. (NECYK, 2007, p. 122)

Na pesquisa realizada por Necyk (2007), que estuda a relação entre texto e imagem nos livros infantis contemporâneos, foi observada uma mudança de critérios para o design gráfico do livro, diretamente relacionada com as classificações por faixas etárias e série escolar, mostrando um decréscimo na atenção para o código visual:

Ao analisarmos a classificação da editora Martins Fontes percebemos que, à medida que se eleva a faixa etária, aparece um texto complexo e desaparece a ilustração. Parece existir certa relação inversamente proporcional entre a quantidade de ilustrações e a quantidade de texto, nos livros destinados às crianças menores e ao público juvenil – as faixas etárias extremas da literatura infantil. Ou seja, quanto menor a faixa etária, mais ilustração e menos texto, e quanto maior a faixa etária, mais texto e menos ilustração. O grau de complexidade do texto e do enredo também é diferenciado. Dessa constatação, surge a inevitável pergunta: por que a ilustração perde espaço à medida que cresce a faixa etária destinatária? (NECYK, 2007, p. 123)

Interessa, para esta pesquisa, ampliar as questões sobre essa observação. É possível que isso se aplique a toda a abordagem do design gráfico, para além da ilustração? Como são estabelecidos esses critérios, são similares em outras editoras? O leitor do livro juvenil não precisa ampliar repertório da cultura visual e material? Como são considerados formatos, suportes, tipografias – que condensa sentidos por meio dos códigos verbal e visual, composição da página, navegação do livro, capas e demais elementos que compõem o objeto gráfico livro?

O design gráfico materializa a abstração do texto no objeto gráfico, permitindo a transmissão da narrativa contida no livro de forma tangível, e até mesmo antes do leitor entrar em contato com o texto, por meio do formato, do material e da capa. É o responsável não só pela forma estética e convidativa do objeto livro, mas pela comunicação da narrativa por meio das soluções projetuais. O projeto gráfico deve ser cuidadosamente elaborado para possibilitar a ampliação da experiência da leitura e o aprofundamento do interesse do leitor. Vale lembrar a experiência da criança no contato com o objeto livro, apresentada por Necyk:

Antes do entendimento do que venha a ser uma leitura, a criança apreende o livro como um objeto, e nele empreende uma exploração. Aos poucos, percebe que diferentemente de outros objetos e brinquedos, o livro possui uma narrativa, isto é, existe uma história dentro desse objeto. O design do livro é o meio pelo qual o leitor toma contato com a narrativa. É a partir dessa evidência que se faz necessário entender como os elementos gráficos, dentre eles a ilustração, são responsáveis pela leitura. (NECYK, 2007, p. 83)

O design do livro juvenil brasileiro, nos últimos anos, tem recebido grande reconhecimento por parte da crítica especializada, mas apesar desse crescimento qualitativo na produção projetual, ainda é pequena a produção em pesquisa sobre o tema, menos ainda quando se trata do livro de literatura juvenil.

Sendo assim, esta pesquisa pretende contribuir para a discussão sobre o design gráfico dos livros de literatura juvenil brasileiros, buscando levantar e analisar suas manifestações a partir dos títulos presentes nos catálogos de editoras paulistas, compreender as direções projetuais, considerando política e critérios editoriais, e a qualidade de comunicação com o leitor.

Os objetivos específicos deste estudo são:

- Identificar soluções de design gráfico presentes em livros de literatura juvenis brasileiros.
- Analisar soluções projetuais identificadas a partir de critérios discutidos em bibliografia especializada da área, buscando explicitar a direção projetual e a construção de sentidos entre a narrativa textual e a materialidade do objeto gráfico.
- Compreender e discutir o que rege as divisões entre as faixas etárias, as categorias de livros a elas atribuídas e como isso interfere no projeto gráfico.
- Identificar os critérios editoriais relacionados aos livros de literatura juvenil e refletir sobre como eles podem interferir na experiência da leitura, considerando as possibilidades de comunicação propiciada pelo design gráfico.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. TEXTO, IMAGEM E OUTROS ASPECTOS DE DESIGN GRÁFICO NO OBJETO LIVRO: TODOS NO AUXÍLIO DA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA

Logo na introdução de “Para ler o livro ilustrado”, Linden trata da relação entre texto e imagem na construção de sentidos para a narrativa:

De imediato, o livro ilustrado evoca duas linguagens: o texto e a imagem. Quando as imagens propõem uma significação articulada com a do texto, ou seja, não são redundantes à narrativa, a leitura do livro ilustrado solicita apreensão conjunta daquilo que está escrito e daquilo que é mostrado”. (LINDEN, 2011, p.8)

O livro ilustrado e o livro com ilustração apresentam diferenças significativas, que são destacadas por Linden, apontando suas características e delimitações:

Livros com ilustração: obras que apresentam um texto acompanhado de ilustrações. O texto é espacialmente predominante e autônomo do ponto de vista do sentido. O leitor penetra na história por meio do texto, o qual sustenta a narrativa.

Livros ilustrados: obras em que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto, que aliás pode estar ausente (...) a narrativa se faz de maneira articulada entre texto e imagens. (LINDEN, 2011, p.24). Nikolajeva e Scott (2011), concordam em parte com Linden (2011). A partir de estudos de Schawarcz (1991), afirmam não haver diferença considerável entre livro ilustrado ou livro com ilustração, porém atentam-se para a relação quantitativa entre texto e imagem em diferentes tipos de livros com ilustração. Advertem ainda sobre a falta de atenção dada à linguagem visual: “...os estudos literários em geral negligenciam o aspecto

visual ou tratam as imagens como secundárias” (2011, p.17). A imagem deveria nortear o leitor na sua leitura para além de um aspecto decorativo, assumindo caráter significativo para o conjunto da narrativa.

Segundo Linden (2011,p 120) existem três relações entre texto e imagem na narrativa do livro. A primeira é a relação de redundância, onde texto e imagem correspondem-se, remetendo-se à mesma narrativa, são rigorosamente parecidos. Porém um deles pode dizer mais do que o outro, ora imagem, ora texto. A segunda é a relação de colaboração, onde texto e imagem se complementam, encontrando-se partes do sentido da narrativa em ambos, é preciso atentar-se aos dois para compreender o contexto e significados. A terceira relação é de disjunção, onde texto e imagem entram em contradição, trazendo um efeito curioso na narrativa, deixando em aberto os campos de interpretações.

Porém Linden traz outros pontos importantes a serem considerados no design do objeto gráfico livro articulados com a narrativa e visando a formação do leitor, afirmando que não se resume apenas às relações entre texto e imagem:

Apreciar o uso de um formato, de enquadramentos, da relação entre capa e guardas com seu conteúdo, é também associar representações, optar por uma ordem de leitura no espaço da página, afinar a poesia do texto com a poesia da imagem, apreciar os silêncios de uma em relação à outra...Ler um livro ilustrado depende certamente da formação do leitor. (LINDEN 2011, p.9)

Em um livro todas as etapas são importantes, desde o suporte onde será impresso o conteúdo até as composições tipográficas. Os livros deveriam ser pensados em seu todo, articulando cada característica e razão projetual com a narrativa, assim como Linden coloca: ...” os formatos, as capas, guardas, folhas de rosto, e páginas do miolo devem na maioria das vezes ser vistas como um conjunto coerente” (2011, p.51).

Derdyk (2011) aponta para essa mesma preocupação na materialização do livro infanto-juvenil. Afirma que todos os livros mixam palavras e imagens, sejam livros funcionais, livros técnicos, científicos, sejam livros de arte, sejam livros de artista, sejam livros infanto-juvenis. O que os diferem é como essas relações transcorrem dentro da narrativa e, assim, encaminhando cada livro para funções e significados tão distintos.

A compreensão das relações entre imagem x texto, dentro de um livro, onde todos os elementos gráficos e materiais são propositores estruturantes da narrativa, da história que está sendo contada, seria impossível ignorar a maneira como o texto vai pousar no espaço do papel, pois o próprio texto torna-se imagem também. (DERDYK, 2011).

Em relação à tipografia, além das questões de legibilidade e leiturabilidade, que devem ser levadas em consideração, um outro aspecto importante é a expressividade do texto, onde

as fontes transmitem por meio de características formais, sentidos e mensagens, bem como estados de ânimo, momentos da narrativa, diferentes entonações, etc. (LINDEN, 2011)

A ideia é se pensar o livro como projeto integral como afirma Liden, corroborado Azevedo:

...No plano da estrutura, um livro ilustrado é composto de, pelo menos, três sistemas narrativos que se entrelaçam: 1) o texto propriamente dito (sua forma, seu estilo, sua linguagem, seus temas); 2) as ilustrações (seu suporte: desenho? colagem? fotografia? pintura? e também, em cada caso, sua linguagem, seu estilo e seu tom) ; 3) o projeto gráfico (a capa, a diagramação do texto, a disposição das ilustrações, a tipografia escolhida, o formato e o tipo de papel). (AZEVEDO, 2005, p.15)

2. A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A PRODUÇÃO DOS LIVROS JUVENIS

O livro de literatura juvenil na maioria das vezes tem uma forte relação com a escola, pois trata-se de um gênero considerado formador de leitores, assim como aponta Biasioli: “...estimular o leitor infante-juvenil é o primeiro passo para que ele seja um leitor ativo quando adulto” (BIASIOLI, 2007, p.96).

Porém a relação da leitura com o espaço educativo tornou-se uma prática fortemente vinculada à pedagogia, sendo transmitida de maneira obrigatória. O objeto livro parece ser projetado numa perspectiva entre a dependência do mercado editorial com a escola, assim como aponta Venâncio (2009) a partir das perspectivas de Lajolo:

Acerca da historicidade dessa área, seus usos eminentemente pedagógicos, a interdependência entre escola e editoras, numa perspectiva mercadológica do objeto livro, que o desconsidera como forma de arte, além da demanda contemporânea de implementação de formas distintas de difusão da literatura para oportunizar um direcionamento menos utilitário e mais voltado à valorização da literatura e do ato de ler como práticas sociais plenas de significação. (VENANCIO, 2009, p. 01)

Consequentemente o objeto livro de literatura é trabalhado mais frequentemente no cenário pedagógico, chegando a promover o desinteresse do leitor. As diversas formas possíveis da obra literária são desconsideradas, com o ensino da literatura juvenil sendo regido pela obrigação e cobrança, deveres e tarefas, a leitura acaba por se materializar como um hábito imposto e não como prazer. Assim, a escola representa um papel ambíguo em contexto adverso como aponta Ricardo Azevedo:

Em tese, livros de ficção e poesia deveriam ser encontrados em livrarias e bibliotecas, escolhidos espontaneamente pelo leitor e lidos em casa ou em qualquer lugar. Infelizmente temos, no Brasil, poucas bibliotecas, poucas livrarias e livros caros para os padrões de renda da maioria da população. Não por acaso, ainda é baixo o número de leitores regulares, pessoas que sabem utilizar livros em benefício próprio e que, portanto, poderiam constituir algo como uma “cultura de leitura”. Neste contexto adverso, a escola tem sido, indiscutivelmente, o grande e mais importante espaço mediador da leitura e da formação de leitores. Nela, grande parte das pessoas tem sua primeira chance de estabelecer contato com textos de ficção e poesia. (AZEVEDO, 2005, p. 1)

Peter Hunt também aborda esta questão da percepção de obrigatoriedade e da função do livro no cenário escolar: “Na época (e ainda hoje em certas escolas), a questão não era o que devo fazer para aprender a pensar, mas o que devo fazer para passar na prova final” (HUNT, 2010, p. 36)

Um dos problemas a ser enfrentado pela mediação escola-leitura, para Azevedo (2005, p.7), é o tratamento dado aos livros de literatura como “simulacros de livros didáticos”. A confusão entre suas funções e linguagens interferem na formação de leitores:

A nosso ver, textos didáticos são essenciais para a formação das pessoas, têm seu sentido e seu lugar, mas não formam leitores. É preciso que, concomitantemente, haja acesso à leitura de ficção, ao discurso poético, à leitura prazerosa e emotiva. É necessário que alguém chore, sonhe, dê risada, fique emocionado, fique identificado, comungue, enfim, com o texto, para que ocorra a formação do leitor. (AZEVEDO, 2003, p. 4).

É importante observar o quão significativo é o papel da escola no contexto de propagação da literatura e como mediadora das práticas de leitura, o que envolve perguntar para quem e para quê o livro está sendo projetado. Ou ainda, em sua produção final o objeto livro de literatura juvenil é pensado diretamente para seu respectivo leitor ou para seu mediador?

E, apesar de a produção literária atender a critérios rigorosos para configurar-se como produto atrativo para venda, ainda assim observa-se que há um descompasso estético entre a literatura infantil e não infantil, com os livros a serem utilizados na escola tendo compromisso pedagógico em suas propostas, numa percepção ainda utilitarista da obra, mesmo a literária. (VENANCIO, 2009, p. 45)

3. AS SUBDIVISÕES DE LEITORES E O DESIGN EDITORIAL DO LIVRO JUVENIL BRASILEIRO

No mercado editorial são utilizados critérios para classificação de livros destinados a determinados leitores. Essas divisões tenderiam a interferir no design gráfico editorial dos livros juvenis, assim como foi observado no início desta pesquisa. Segundo Necyk (2007), conforme subdivisão de leitores a partir de critérios etários da editora Martins Fontes, percebe-se que à medida que a faixa de idade aumenta, surge uma característica de livros com textos mais complexos e diminuição de ilustrações, havendo uma relação inversamente proporcional aos livros infantis.

Um aspecto dessa relação a ser observado é a classificação regida por faixa etária, criticada por Ricardo Azevedo, porque não levam em consideração a bagagem dos leitores, suas experiências e repertórios:

... a crença num mundo abstrato e higiênico, dividido em faixas etárias, mundo que simplesmente ignora a experiência das coisas, concreta e individual, vivida por cada um de nós, somada à confusão existente entre os diferentes tipos de livros produzidos – confusão, diga-se de passagem, alimentada justamente pelas concepções que arbitrariamente dividem pessoas em faixas de idade – podem ajudar muito a estabelecer “fatias” do mercado editorial ou a facilitar a organização burocrática das escolas, mas, a nosso ver, não têm contribuído para formar cidadãos criativos, participantes, dotados de senso crítico e visão humanista da vida e do mundo. Nem para a formação de leitores, ou seja, pessoas que saibam utilizar livros em benefício próprio. (AZEVEDO, 2003, p. 8)

Segundo Elaine Debus, os estudos sobre critérios de classificação de leitores da FNLIJ entre 1964 e 1978 contemplava as diferentes fases de crescimento da criança e os diferentes níveis de leitura e interesses, que abrangiam a sucessividade das fases levando ao amadurecimento do leitor, resultando diante disso a classificação: pré-leitor – fase de conhecimento do mundo circundante; leitor-iniciante – projeção da criança no mundo; leitor com alguma habilidade de leitura – identificação com pessoas e coisas; leitor fluente – formação de uma atitude crítica e de um pensamento reflexivo. E com algumas modificações vocabulares, a mesma classificação, acrescida da faixa etária, é desenvolvida por Nelly Novaes Coelho, onde a categoria leitora não está vinculada somente à faixa etária, mas há três diferentes fatores: idade cronológica, nível de amadurecimento biopsíquico-afetivointelectuale grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo da leitura. Portanto Coelho faz a seguinte divisão:: 1) pré-leitor: a) primeira infância – dos 15/17 meses aos 3 anos; segunda infância – a partir dos 2/3 anos; 2) Leitor iniciante – a partir dos 6/7 anos; 3)

Leitor-em-processo – a partir dos 8/9 anos; 4) leitor fluente – a partir dos 10/11 anos e 5) leitor crítico – a partir dos 12/13 anos. (DEBUS, Elaine Santana dias, 2005)

Ricardo Azevedo constata em visitas a escolas, que alunos a partir dos dez anos não querem mais ler. É justamente quando o leitor juvenil está se desenvolvendo tanto na leitura quanto na sua formação como pessoa, em busca de identidade e no aprendizado diante de questões e percepções também presentes na literatura, que ele perde o interesse pela leitura. (AZEVEDO, 1999)

O design editorial deveria ser considerado por sua contribuição como linguagem expressiva, também como estímulo à leitura. Os livros nessa fase tendem a competir com diversos outros interesses, assim como aponta Necyk em relação ao leitor infantil:

O livro infantil convive com todas as formas de entretenimento infantil (cinema, games, Internet, brinquedos, etc.), e seus produtores se esforçam por conquistar um público cada vez maior. Nesse sentido, o design pode se constituir em grande auxiliar para que o livro seja levado a seu objetivo final: ser lido por uma pessoa. (NECYK, 2008, p.88).

No Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) o livro juvenil apresenta-se acoplado aos livros de literatura para adultos, desconsiderando, aparentemente, particularidades desses leitores. No edital de 2013 do programa, o livro juvenil é citado como formador de leitores (PNBE, p.15), afirmando portanto o importante papel social desse material. No programa existem quatro critérios de escolha para os livros infantis, sendo eles:

qualidade textual, que se revela nos aspectos éticos, estéticos e literários, na estruturação narrativa, poética ou imagética, numa escolha vocabular que não só respeite, mas também amplie o repertório linguístico de crianças na faixa etária correspondente à Educação Infantil; *qualidade temática*, que se manifesta na diversidade e adequação dos temas, e no atendimento aos interesses das crianças, aos diferentes contextos sociais e culturais em que vivem e ao nível dos conhecimentos prévios que possuem; *qualidade gráfica*, que se traduz na excelência de um projeto gráfico capaz de motivar e enriquecer a interação do leitor com o livro: *qualidade estética* das ilustrações, articulação entre texto e ilustrações, e uso de recursos gráficos adequados à criança na etapa inicial de inserção no mundo da escrita. (PNBE, 2013, p.15)

Dois deles, a qualidade gráfica e qualidade estética, estão relacionados com a qualidade da materialização do objeto gráfico, o que já pode ser um início de preocupação com o design editorial, e compreendendo assim a relevância de uma boa abordagem gráfica.

Porém é preciso atentar-se para a situação do livro juvenil, ou seja, ele está aonde afinal? Pois apresenta-se num espaço difuso entre as categorias infantil e adulto.

MÉTODO

As abordagens e características desta pesquisa, indicam que seu caráter metodológico é qualitativo, assim foram utilizados os seguintes procedimentos:

1 - Levantamento e revisão bibliográfica sobre:

- Os elementos gráficos que interagem para a construção de sentidos no design gráfico do livro juvenil.
- O design do objeto gráfico livro, suas características e abordagens, especialmente no caso de leitores juvenis.
- A experiência de leitura do público juvenil e sua relação com a escola.
- Critérios editoriais e classificações relativas a diferentes faixas etárias atribuídas a leitores juvenis.

2 - PESQUISA DE CAMPO:

- Entrevistas com editores responsáveis pelo segmento infanto-juvenil de editoras paulistas e designers autores de projetos de livros selecionados dentre os presentes nos respectivos catálogos.
- Entrevistas com pedagogos e especialistas em literatura, para entender suas perspectivas em relação a categoria selecionada.
- Visitas a editoras, livrarias e bibliotecas para acesso físico ao objeto gráfico.

3 - Levantamento de livros juvenis brasileiros nos catálogos de editoras paulistas, identificação de direções projetuais e seleção de casos exemplares para análise do design gráfico.

4 - Elaboração do conjunto de critérios para análise dos livros selecionados, realização das análises e discussão dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para compreender o design gráfico de livros juvenis de literatura brasileira publicados por editoras paulistas, inicialmente foi feito o levantamento daquelas atuantes na cidade de São Paulo e foram selecionadas as que se destacam nos dois segmentos: Editora Ática, Cosac Naify, Companhia das Letras, Editora FTD, Editora Globo, Editora Moderna e Editora SM. Em seguida, foi realizada uma primeira entrevista com as editoras por e-mail com as

seguintes questões: Quais critérios orientam a classificação de livros da editora em relação ao público leitor? A classificação influencia critérios para o projeto gráfico editorial? Dentre as editoras contatadas, apenas não se obteve resposta de Companhia das Letras e Editora Globo. Posteriormente, foi solicitada a realização de entrevista presencial a fim de ampliar assuntos relativos a critérios editoriais e de projeto gráfico, disponibilizadas por Ática e Cosac e Naify. Os resultados dessa fase foram organizados na seguinte tabela:

	FTD	Moderna	SM
classificação de leitores	Sujeito-leitor: Pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e leitor crítico.	2º e 3º anos – leitor em processo (fase do domínio relativo do mecanismo da leitura e da agudização do interesse pelo conhecimento das coisas, com o pensamento lógico se organizando em formas concretas que permitem as operações mentais.) 4º e 5º anos – leitor fluente (fase da consolidação do domínio da leitura e da compreensão do mundo expresso no livro) 6º e 7º anos – leitor fluente 8º e 9º anos – leitor crítico Ensino Médio – leitor crítico	PL: Pré - Leitor LI: Leitor Iniciante LP: Leitor em Processo LF: Leitor Fluente LC: Leitor Crítico LC+: Leitor Crítico Mais
projeto gráfico x classificação	Classificação de leitores influencia no projeto gráfico	Classificação de leitores influencia no projeto gráfico	

Editoras

	Ática	Cosac Naify
classificação de leitores	0 a 5 anos – iniciação da criança no mundo narrativo 6-7 anos – leituras para a fase de pré-alfabetização e de alfabetização /aprendendo a ler o mundo 8-9 anos – leituras que propõem reflexão sobre sentimentos, emoções, valores 10-11 anos – leituras que proporcionam ricas experiências de diferentes textos Livros de aventura / livros de autores consagrados de literatura adulta /livros com personagens parecidos com os leitores pré-adolescentes / adaptação de clássicos estrangeiros em projetos gráficos sofisticados e quadrinhos 1º ao 5º ano – livros informativos/paradidáticos, com cuidadas ilustrações e textos se valendo de histórias bem contadas para tratar de temas considerados às vezes difíceis e até chatos	Pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e leitor crítico.
classificação x projeto gráfico	Classificação de leitores influencia no projeto gráfico	Classificação de leitores não influencia projeto gráfico

Os critérios de projeto na editora Ática, são influenciados pelos critérios de classificação de leitores dentro da editora, ou seja, existe uma relação entre a idade do leitor com o projeto gráfico dos livros.

A convite de Paulo Verano editor da Ática e Camila Saraiva editora de paradidáticos, após contanto por e-mail, ocorreu uma entrevista presencial para discutir o design gráfico do livro juvenil na editora.

Segundo ambos o mercado capista influencia muito o processo de criação, observaram que outros meios de entretenimento acabam interessando mais o jovem do que os livros, porém essa relação acabada sendo adversa, se a oferta de interesses é diversa para o jovem, os livros consequentemente deveriam ser pensados mais cuidadosamente.

Porém nos últimos anos foi trabalhado melhor o projeto editorial, e um exemplo disso, muitos livros foram reelaborados, como a coleção vagalume, que foi relançada com outra proposta, visando dois públicos, os pais que leram quando criança e seus filhos.

Segundo Verano a Ática não tem um designer para cada gênero de livro, porém apenas uma editora de arte e um designer para todas as categorias, e por ser uma editora com muitos títulos, e muitos desses estarem no catalogo há algum tempo, a editora investe em diagramadores. Tanto Saraiva quanto Verano enfatizaram esse ponto, pois é uma característica da maioria das editoras, com exceção da Cosac Naify.

A editora Ática tem como grande parte de sua produção de livros, os gêneros didáticos e paradidáticos, onde seu público é maior, pela escola ainda ter seu papel total na compra

dos livros, muitas vezes o projeto gráfico é pensado exatamente na escola e não ao aluno em si.

“Infelizmente, muitas de nossas crianças – e boa parte dos adultos – ainda confunde livros didáticos com livros de literatura.” (AZEVEDO, 2001)

“Não classificamos os livros por faixa etária por acreditar que pessoas com a mesma idade podem ter estágios diferentes de desenvolvimento das habilidades de leitura. Por isso, preferimos falar em tipos de leitor: pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e leitor crítico. Um livro juvenil é sem dúvida um livro para um leitor fluente ou crítico e se diferencia pela quantidade de texto (nem sempre, mas na maioria das vezes), pela temática e pela linguagem”. (FALASCO, Rafael)

A Cosac Naify classifica seus livros em base aos estudos de Nelly Novaes Coelho, que consideram outros aspectos importantes que relacionam livro e leitor, além de sua idade, mas suas experiências e potencialidades individuais.

Na Cosac Naify os projetos gráficos não seguem uma aleatoriedade ou sobrepõe a narrativa, porém estão sempre integrados à história que está sendo contada. É buscando traduzir o conteúdo literário no material impresso. Sendo assim, a idade do leitor não é algo que interfere no projeto dos livros, pois o principal foco da Cosac é a existência do livro como objeto de design. Faz parte da identidade da editora transformar a produção de títulos com personalidade. Portanto a estrutura de cada projeto é alinhada com a natureza do que está escrito.

“Focalizamos não apenas a faixa etária, mas realizamos projeções e antecipações do “sujeito-leitor”, de modo que nossas indicações de faixa etária nunca são determinativas, mas sim aproximativas (A partir do 1.º ano, 2.º ano etc.). Justamente porque compreendemos que nem todos estamos localizados na “mesma faixa etária”, independente de nossa idade cronológica. Para chegar a essa aproximação, recuperamos estudos teóricos da área de literatura infanto-juvenil e refletimos sobre como essas indicações podem ser efetivas e eficazes aos nossos leitores”. (FTD)

Assim como a Cosac Naify a editora FTD também classifica seus livros com base nos estudos de Nelly Novaes Coelho, porém a forma como é trabalhado a relação entre classificação e projeto editorial se diferem, até por serem duas editoras com objetivos de editorial diferentes.

A Editora FTD, assim como a editora Ática, trabalha com livros didáticos e paradidáticos, e curiosamente, o mesmo tratamento gráfico está espelhado nos livros de literatura. Parece haver uma relação entre as configurações projetuais do livro didático com o livro de literatura dentro das editoras que também trabalham com conteúdo pedagógico. Isso

também acontece na editora Moderna. Porém esta editora classifica leitores por ano escolar, e segundo a responsável pela parte de edição de texto, os livros na editora passam por muitas etapas de planejamento, e dentro delas as decisões de projeto editorial tendem a relevar os critérios de classificação de leitores, para que os livros sejam planejados com objetivo de atingir o leitor a quem está sendo destinado.

Por fim a editora SM distingue seus leitores, assim como a Cosac Naify e a editora FTD de acordo com as categorias leitor sugeridas pelos estudos de Nelly Novaes Coelho.

A editora SM não respondeu precisamente sobre os critérios projetuais de seus livros com relação a classificação de leitores.

ENTREVISTAS COM ESPECIALISTAS

Manuel da Costa Pinto – crítico em literatura na folha de São Paulo:

Foi realizada a discussão sobre qual etapa o leitor perde interesse pela leitura, e segundo ele é justamente na fase juvenil (entre 11 e 14 anos). Esta foi uma informação primordial para realização desta pesquisa, pois havia ainda uma dúvida sobre em qual fase está esse leitor, tanto que durante a entrevista o termo infanto-juvenil era corriqueiramente utilizado, e o entrevistado atentou-se a problematização desse termo, que segundo ele é um termo errôneo, pois unifica segmentos de leitores distintos.

Marisa Lajolo – Professora em Literatura e especialista em Monteiro Lobato: Em uma breve conversa posterior à sua aula na pós-graduação da Universidade Mackenzie, a professora Lajolo observou que o livro infantil é mais interessante, e quando o livro é juvenil, tendo um texto mais extenso e complexo ele passa a não ter um projeto de design gráfico editorial atrativo. Observou também que o leitor vem acostumado com uma qualidade gráfica em relação ao livro infantil e quando passa a ler livros juvenis essa qualidade não está presente, promovendo o desinteresse pela leitura.

Elaine Ramos – Designer Editora Cosac Naify:

Não pode ser feita uma entrevista presencial, mas por intermédio do divulgador universitário da editora Rafael Falasco, foi sugerida uma entrevista publicada no site ideafixa. A designer fala sobre a potencialidade do livro impresso: “Livros têm potencial inesgotável para serem trabalhados com design, porém isto é pouco utilizado. Trata-se de um suporte para dialogar com o conteúdo literário. Cada mídia tem suas particularidades e características. Embora livros sejam articulações que têm contato com as mãos e possuem cinco campos a permitirem diferentes visões, os tomos se resumem à retângulos a serem preenchidos pelos

ilustradores ou capistas por questão mercadológica. O ritmo, forma, peso, volume e textura acabam ficando de lado”. (RAMOS, 2014)

SELEÇÃO DOS LIVROS PARA ANALISE PARA ESTA PESQUISA

A seleção dos exemplares para análises ocorreu posteriormente as etapas de entrevistas que auxiliaram nessa seleção. Após receber os catálogos impressos das editoras contadas e analisar o comportamento dos livros juvenis de literatura brasileira nos catálogos, foi realizada a seleção a partir de alguns critérios determinados para relacionar com o que foi abordado nesta pesquisa. Além da observação nos catálogos, a maior parte dos trabalhos foi realizada nas bibliotecas Mario de Andrade e Monteiro Lobato, tanto para empréstimo como para verificação de sua presença na sessão juvenil dos livros selecionados.

Os critérios de escolha consideraram a qualidade de texto dos livros juvenis de literatura brasileira, livros com qualidade de design gráfico editorial e títulos com deficiência nesse quesito e também foi considerado livro (s) vencedor (es) do prêmio Jabuti na categoria projeto gráfico editorial.

Assim, os livros selecionados para esta pesquisa foram:

NOLL, João Gilberto. *Sou eu!.* São Paulo: Scipione, 2009

MALTEZ, Manu. *O corvo.* São Paulo: Scipione, 2010

QUEIROZ, Eça. *Um dia de Chuva.* São Paulo: Cosac Naify, 2011

MACHADO, Maria Ana. *Sinais do Mar.* São Paulo: Cosac Naify, 2009

VIEIRA, Janaina e BRAZ, E, Júlio. *Não é o fim do mundo.* São Paulo: FTD, 2009.

BANDEIRA, Pedro. *A Droga da Obediência.* São Paulo: Editora Moderna, 2014.

OLIVEIRA, Alan. *Quando crescer quero ser um Hipopótamo.* São Paulo: SM, 2004

ANÁLISES PROJETOAIS

Editora Ática - Sou Eu! - O corvo

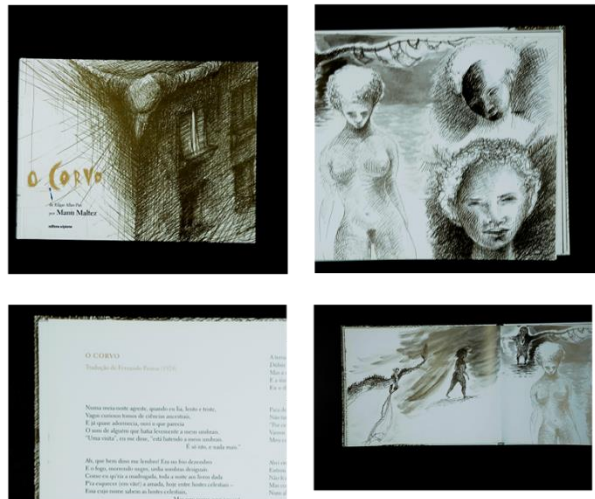
No livro “Sou Eu!” de João Gilberto Noll, percebe-se uma diferente solução projetual para um título juvenil. Há uma relação entre texto e imagem para a compreensão da narrativa. Apesar das ilustrações estarem presentes em determinados pontos do livro, elas têm uma linguagem de esboço, foram criadas pelo ilustrador Alexandre Matos, que intensifica a aproximação com o conteúdo literário, dando a entender pelas suas características, que são desenhos de traçados bem pessoais. O formato é um aspecto gráfico que também auxilia na contextualização do objeto livro, remetendo a um moleskine ou um diário pessoal, pequeno, compacto, o que também auxilia na interpretação da narrativa. A tipografia aparece no estilo

typewriter (máquina de escrever), dando legibilidade e identidade na forma expressiva que se apresenta. Não só a tipografia, mas os demais elementos trabalham considerando a narrativa. A capa com um detalhe que faz lembrar um fecho de diário, os sinuosos detalhes de marca texto no fólio e a orelha na terceira capa com função de “bolso”. E o suporte como um papel pautado, reforçando ainda mais o contexto da história.



- 01 capa em alto relevo com o elemento que lembra um fecho
- 02 fólio com detalhe em marca texto, imagem esboçada e texto em typewrite.
- 03 terceira capa com a orelha com função de bolso

“O Corvo”, de Manoel Malteaz, é um livro ilustrado que foi finalista do prêmio Jabuti de 2011 como melhor livro juvenil e vencedor do mesmo prêmio e na categoria Ilustração. Apesar do texto não ser de literatura juvenil brasileira, é um livro que se destaca exatamente pela forma com a qual foi tratada graficamente. As ilustrações de Manoel Malteaz são os elementos que desenvolvem a narrativa, porém o texto (que está ao final do livro) foi fielmente traduzido nos traços da ilustradora. O formato é horizontal permitindo uma organização plana das imagens, “...favorecendo a expressão do movimento e do tempo, e a realização de imagens sequenciais” (LINDEN, 2011, p.53). O acabamento é em capa dura, que torna o livro mais resistente e o título na capa presente com uma tipografia com mesmos traços da ilustração. - A tipografia do texto é serifada, porém observa-se que a escolha deu-se apenas pela legibilidade, pois a principal direção projetual do livro é a ilustração.



04 capa dura, tipografia e ilustração

05 ilustrações.

06 tipografia serifada do poema.

07 horizontalidade do livro e a continuidade das ilustrações

Editora Cosac Naify - Um dia de Chuva - Sinais do Mar

Em “Um dia de chuva” de Eça de Queiroz, traz soluções projetuais distintas dos padrões de livros de literatura brasileira juvenil. Sendo composto com elementos gráficos que se somam na narrativa. As ilustrações enriquecem o projeto editorial. Elas aparecerem ora em página dupla, tornando-se mais fluidas, abrindo um outro ritmo para narrativa. Algumas vezes são apresentadas em uma única página como se auxiliasse a sequência da leitura e complementando o texto, uma relação de colaboração que visa um sentido comum, ambos parte da narrativa. O formato é vertical, e com acabamento em capa dura. A composição da capa que remete um quadrado mágico (quebra-cabeça) é composta com texto e imagem. A tipografia sem serifa geométrica conecta com os quadrados do quebra-cabeça. Já a tipografia de texto é serifada, o que leva a compreensão da escolha por maior legibilidade.

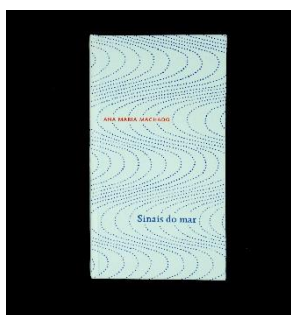


08 capa dura, composição tipográfica e ilustração.

09 ilustração em página dupla.

10 ilustração do lado esquerdo, texto lado direito tipografia serifada

No livro “Sinais do Mar” de Ana Maria Machado, livro de poesia, apresenta uma narrativa poética tanto com o conteúdo literário quanto no design editorial. O projeto orientado a interpretação dos poemas, construindo um discurso único pela narrativa entre texto e imagem, numa relação de colaboração em um sentido comum (2011, p.121). Nessa configuração um fragmento de texto torna-se ilustração a partir da tipografia, sendo continua e dando sensação de ondas do mar, o que reforça o contexto dos poemas e a cumplicidade entre texto e imagem. A tipografia dos poemas é serifada, porém suas serifas são sinuosas, bem delicadas, trazendo relação entre o projeto gráfico e o conteúdo literário e dando legibilidade. O formato fechado acentua a vertical, porém quando aberto forma um quadrado. O acabamento é com capa dura, e a tipografia do título na capa é a mesma do texto dos poemas.



11 capa dura, formato vertical alongado.

12 tipografia dos textos do poema e detalhe da tipografia como ondas

13 tipografia como ilustração , página dupla

Editora FTD: Não é o Fim do Mundo

No livro “Não é o Fim do Mundo” de Janaina Vieira e Julio Braz as soluções projetuais são discretas e sem apelo ao design editorial mais atrativo. No interior do livro há a presença de algumas ilustrações com a função de iniciar e fechar um capítulo, apesar de perceptível a intenção proposta, ela não tem relação direta com a identidade gráfica do projeto. A capa há também uma ilustração que não dialoga com as ilustrações no miolo do livro. A tipografia de texto é serifada, traz legibilidade, porém não se conecta com as ilustrações do livro e se quer com o conteúdo literário. O formato é vertical, com acabamento brochura.



14 capa, título do livro sem relação com a ilustração
15 fechamento e início de capítulo, tipografia

Editora Moderna - A droga da obediência

“A droga da obediência” de Pedro Bandeira, apresenta uma direção do projeto pouco relacionada com a história narrada. A capa é bem destacada, com um estilo tipográfico de história em quadrinhos. No miolo não há soluções que consigam auxiliar a interpretação da narrativa. A tipografia de texto é serifada, onde percebe-se apenas a escolha pela legibilidade diferente da tipografia da capa onde há mais expressividade. As ilustrações com aparecem com abertura e fechamento de capítulo, e seguem também o estilo de história em quadrinho assim como a tipografia da capa. O formato é vertical, a capa de uma material mais flexível e acabamento em brochura. O suporte é o papel polén, que é muito utilizado em publicação de HQ.



16 capa, tipografia de hq
17 fechamento e início de capítulo, tipografia de texto serifada, ilustração de hq

Editora SM: Quando crescer quero ser um hipopótamo

“Quando crescer quero ser um hipopótamo” de Alan Oliveira, apresenta a mesma configuração projetual da FTD e Moderna. Texto e imagem são independentes, a imagem aparece a uma relação de redundância com o texto, assim como caracteriza Linden (2011, p.120) esse modo em que se apresentam texto e imagem no livro. Não há uma continuidade de imagem em página dupla, e o texto é quase sempre o fator principal da narrativa. Porém o estilo gráfico de ilustração está presente também na capa, o que conecta as linguagens. A tipografia de texto é serifada presente apenas para dar legibilidade e não traz expressividade ao projeto. A capa é flexível, com acabamento em brochura. Importante lembrar que o título

faz parte da coleção Barco À Vapor, o que traz consigo elementos de identidade visual para uma coleção (2011, p.51), como o formato ou a tipografia.



18 capa, com a identidade da coleção

19 tipografia de texto e relação entre texto e imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro destinado ao leitor juvenil é uma peculiaridade na materialização de títulos de literatura. Tal peculiaridade abrange desde a importância de seu texto literário até a qualidade do projeto gráfico que possibilita a interpretação da narrativa. É curioso pensar que no cenário literário como uma categoria tão importante para formação de leitores presentes em sala de aula, tornando-se então leitura obrigatória, não se considere a relevância da orientação qualitativa do design gráfico.

Como discutido nesta pesquisa a relação entre texto e imagem e todos os elementos gráficos são propositores a interpretação da narrativa, sendo indispensáveis para o livro juvenil, pois um complementa o outro, em uma relação de colaboração. A tipografia trazendo expressividade e legibilidade, as ilustrações interação entre texto e imagem, a capa, suporte e acabamentos, colaborando na interpretação do conteúdo literário.

Os resultados da pesquisa possibilitaram entender o design gráfico editorial dos livros juvenis brasileiros, como eles são tratados e qual a importância do design para o público leitor juvenil, considerando cada etapa realizada, cada entrevista e análise dos livros selecionados. E principalmente a relação entre os critérios de classificação dentro das editoras com o projeto editorial do livro, compreendendo que para maioria das editoras contatadas as experiências e capacidades da leitura estão relacionadas a idade ou série escolar do leitor, muitas vezes não considerando a interpretação do texto e as capacidades pessoais de cada leitor.

Se comparadas todas as editoras pesquisadas, a Cosac Naify se sobressai exatamente por investir no design gráfico editorial. A preocupação como o design gráfico dos livros é evidente para seus leitores. São consideradas todas as condicionantes projetuais e

elementos gráficos, relacionando com a interpretação textual, trazendo coesão entre a narrativa e projeto gráfico. Por vezes até a editoras Áticas e SM, conseguem apresentar uma proposta diferente e qualitativa para o seu leitor. E isso não é uma orientação que se verifica constante.

É perceptível que o livro juvenil não se apresenta como uma categoria específica, ele vive uma instabilidade entre o infantil e o adulto. Ou seja, ele não tem seu próprio espaço. Sendo tão importante e propício a formar leitores, ele precisa ser revisto e apreciado com profundidade. É importante identificá-lo e projetá-lo conforme o seu leitor, e respeitando o conteúdo literário.

Percebe-se que há uma forte preocupação na categoria infantil, e um indicio para a juvenil como mostra no edital do PNBE. É importante enfatizar que as atenções para livro juvenil permanecem discretas, e necessário dar importância tanto ao texto quanto ao design gráfico editorial, pois há indícios de que os leitores se recusam a ler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIA

BIASIOLI, Bruna. **As interfaces da literatura infanto-juvenil: Panorama entre o passado e o presente**, Minas Gerais, 2007

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NECYK, B. **Texto e imagem: um olhar sobre o livro infantil contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Design) - Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007.

NIKOLAJEVA, Maria. SCOTT, Carole. **Livro Ilustrado: Palavras e Imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

VENÂNCIO, L. Ana Carolina. **Literatura infanto-juvenil e diversidade**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

AZEVEDO, Ricardo. **A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores**. Minas Gerais, 2003.

AZEVEDO, Ricardo. **Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil**. São Paulo, 2005.

<<http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=83>> Acesso 07 de abril de 2016

<http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/DebusElianeSantanaDias2.htm> Acesso dia 20 de agosto de 2016

<<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/viewFile/37329/40049>> Acesso dia 20 de agosto de 2016

CONTATO: tamiresmazzoca@gmail.com e zuleicaschincariol@hotmail.com